

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE CIÊNCIAS HUMANAS-HISTÓRIA

**LUCICLEIA AZEVEDO DE OLIVEIRA**

**RACISMO SOCIAL NA ESCOLA IEDA VIANA RIBEIRO NA CIDADE DE  
TURIAÇU- MA**

Pinheiro  
2020

**LUCICLEIA AZEVEDO DE OLIVEIRA**

**RACISMO SOCIAL NA ESCOLA IEDA VIANA RIBEIRO NA CIDADE DE  
TURIAÇU- MA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Curso de Ciências Humanas – História da  
Universidade Federal do Maranhão para obtenção  
do grau de Bacharel em Ciências Humanas-  
História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Anne Caroline Nava  
Lopes.

Pinheiro  
2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Azevedo de Oliveira, Lucicleia. Racismo Social na  
Escola Ieda Viana Ribeiro na Cidade de Turiaçu-MA /  
Lucicleia Azevedo de Oliveira. - 2020. 21 p.

Orientador(a): DR. Anne Caroline Nava Lopes.

Curso de Ciências Humanas - História, Universidade  
Federal do Maranhão, UFMA, 2020.

1. Discriminação Racial. 2. Escola. 3. Racismo.  
Preconceito. I. Nava Lopes, DR. Anne Caroline. II. Título.

**LUCICLEIA AZEVEDO DE OLIVEIRA**

**RACISMO SOCIAL NA ESCOLA IEDA VIANA RIBEIRO NA CIDADE DE  
TURIAÇU- MA**

Aprovado em:        /        /

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Anne Caroline Nava Lopes** (Orientadora)  
Doutora em Ciências Sociais  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isandra Maria Falcão Canjão**  
Universidade Ceuma

---

**Prof<sup>o</sup>. Augusto Aluizio Reis Santos**  
Universidade Cruzeiro do Sul

## **RACISMO SOCIAL NA ESCOLA IEDA VIANA RIBEIRO NA CIDADE DE TURIAÇU/ MA**

Lucicléia Azevedo de Oliveira<sup>1</sup>

Anne Caroline Nava Lopes<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Esse trabalho aborda a problemática do racismo social passando por uma discussão teórica sobre o racismo e a discriminação racial e Descreve também a experiência de combate ao racismo na Escola Ieda Viana Ribeiro na cidade de Turiaçu-MA. A discussão versa sobre a presença do racismo na sociedade e na entidade escolar. Entende-se que a discriminação racista pode estar inserida em qualquer tipo de ambiente. Sendo assim, torna-se importante a realização de estudos e reflexões sobre o tema no ambiente escolar, além disso, é salutar explicitar que o racismo se apresenta de forma nítida ou velada sendo indispensável compreender como essas práticas geram consequências no processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Racismo. Preconceito. Escola. Discriminação Racial.

### **ABSTRACT**

This work addresses the issue of social racism by going through a theoretical discussion about racism and racial discrimination and also describes the experience of fighting racism at Escola Ieda Viana Ribeiro in the city of Turiaçu-MA. The discussion is about the presence of racism in society and in the school entity. It is understood that racist discrimination can be inserted in any type of environment. Therefore, it is important to carry out studies and reflections on the topic in the school environment, in addition, it is healthy to make explicit that racism is presented in a clear or veiled way, being essential to understand how these practices generate consequences in the learning teaching process.

**Key-words:** Racism. Preconception. School. Racial discrimination.

---

<sup>1</sup>Discente do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da UFMA, Campus de Pinheiro. E-mail: lucicleia1988@gmail.com

<sup>2</sup>Doutora em Ciências Sociais - UFMA, Docente do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da UFMA, Campus Pinheiro.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a discussão teórica sobre o racismo social e a discriminação racial tendo como objeto empírico a Escola Ieda Viana Ribeiro, na cidade de Turiaçu-MA.

É importante destacar, que na sociedade contemporânea o racismo está presente por toda parte. Nesse sentido, este trabalho, objetiva dar visibilidade a problemática do racismo no ambiente social escolar considerando a relevância da questão, bem como, oferecer uma reflexão sobre os direitos e deveres sociais que preservem a dignidade da pessoa humana.

Com efeito, o racismo em linhas gerais, consiste no preconceito e na discriminação com base em percepções sociais baseadas na não aceitação das diferenças entre os povos. Muitas vezes, toma a forma de ações sociais, práticas ou crenças, ou se reproduzem em sistemas políticos que considerem que diferentes raças devem ser classificadas como inerentes superiores ou inferiores com base em características habilidades ou qualidades comuns herdadas. Também pode-se dizer, que em efeitos práticos, os membros de diferentes raças devem ser tratados de forma distintas.

Do ponto de vista específico sobre o racismo estrutural em nossa sociedade brasileira consideramos que ele está incluindo em meios de discriminação que, aparentemente, não são propositais, como as que fazem suposições sobre preferências ou habilidades de pessoas com base em perfis raciais ou forma simbólicas e ou institucionalizadas de discriminação.

Em outras palavras, a presença do racismo estrutural pode ser percebida na constatação de que poucas pessoas negras ou de origem indígena ocupam cargos de chefia em grandes empresas; de que nos cursos das melhores universidades, a maioria esmagadora- quando não a totalidade- de estudantes é branca; ou quando há a utilização de expressões linguísticas e piadas racistas. A situação fica ainda pior quando as ações ou constatações são negadas por governantes do mais alto escalão do país.

Ressalta-se que um marco importante no combate ao racismo e ao preconceito no Brasil é o Estatuto da Desigualdade Racial. Trata-se de um instrumento que reúne um conjunto de regras e princípios jurídicos para coibir a

discriminação racial e definir políticas que promovam a mobilidade social de grupos historicamente desfavorecidos.

Nesse sentido, o Estatuto da Igualdade Racial<sup>3</sup> em seu at. 3º, afirma que além das normas constitucionais relativas aos princípios fundamentais, aos direitos e garantias fundamentais e aos direitos sócias, econômicos e culturais, o estatuto da igualdade racial, visa a valorização da igualdade étnica e o fortalecimento da identidade nacional brasileira.

É importante destacar que as vias de promoção da igualdade racial em estruturação jurídica são essências para o combate ao racismo e ao preconceito em nosso país que, como sabemos, se manifestam de várias formas.

Há uma tendência de naturalização de pensamento em que se dá grande importância a existência de raças humanas distintas e superiores umas às outras. Onde existem a convicção de alguns indivíduos e sua relação entre características físicas e hereditárias e, ou, determinados traços de caráter de inteligência ou manifestações culturais, que em tese, são superiores a outros. Entendemos que essa é a base da discriminação racial.

O racismo não é apenas uma definição científica, mas uma prática social que reflete um conjunto de opiniões pré-concebidas de desvalorização das diferenças biológicas entre os seres humanos, em que alguns acreditam ser superiores a outros de acordo com a conhecida matriz racial caucasiana. A crença da existência de raça superior ou inferior foi utilizada muitas vezes para justificar a escravidão, o domínio de determinados povos por outros, e os genocídios que ocorreram durante toda a história da humanidade.

Dessas considerações iniciais, surgem alguns questionamentos: o que leva as relações sócias de discriminação de grupos étnicos-raciais? Quais os efeitos dessa discriminação no ambiente escolar? Como combater o racismo social na Escola Ieda Viana Ribeiro?

A literatura mostra que a educação é o melhor caminho para combater as práticas de preconceitos nos meios sociais. Sendo assim, a presente pesquisa tem como objeto empírico a Escola Ieda Viana Ribeiro.

Ressalta-se, que em razão de estarmos vivendo um contexto da pandemia da Covid-19, da necessidade de evitarmos aglomerações e exposição aos

---

<sup>3</sup> Lei N° 12.288, de 20 de julho de 2010. Dispõe sobre o Estatuto da Igualdade Racial. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm). Acesso: 26/10/2020.

riscos de contágio, este trabalho precisou se reestruturar por completo para que pudesse ser realizado em segurança. Nesse sentido, o direcionamento teórico foi o mais recomendado e, quanto a pesquisa de campo muitas restrições a impediram de se realizar conforme o planejamento até mesmo porque os funcionários da escola estavam em trabalho remoto, o que impediu a plena realização prática deste trabalho.

Assim, a diretriz que este trabalho segue é a de uma perspectiva de reflexão sociológica que não entende as questões sociais em uma sociedade como uniformes e sem conflitos, mais que perceba a sociedade estruturada em desigualdades sociais severas que refletem impactos e consequências negativas nas suas relações, estendendo seus reflexos para o ambiente escolar que também é mais um cenário de desigualdade e preconceitos.

O percurso metodológico para a realização desse estudo foi a pesquisa bibliográfica e a incipiente pesquisa de campo com a realização de entrevistas.

Todo investimento da pesquisa se traduziu no propósito de compreender como a referida escola atua na questão do racismo social.

Esse trabalho está estruturado em duas partes. No item 1 aborda-se um levantamento bibliográfico e insere-se uma discussão teórica sobre o racismo e a discriminação racial à brasileira.

No item 2 apresentam-se os desdobramentos da questão do racismo social na escola, bem como, introduz-se as experiências do corpo docente e os pontos positivos de combate ao racismo social na escola Ieda Viana Ribeiro.

## **2 RACISMO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL:** contorno teórico sobre as tentativas de disfarce de uma violência explícita

[...] E queremos também que se reflita sobre a ambiguidade desta história de que são vítimas os negros, numa sociedade que os exclui de seus benefícios, mas consome, os deuses, as comidas, a música e todas as festas de negros, esquecidos de suas origens. Por isso, esta história não registra apenas o fracasso do negro frente às inúmeras injustiças sofridas, mas também sua vitória, no rastro profundo deixando na cultura brasileira por negros e mestiços, construtores, silenciosos de nossa identidade. Tudo isso é memória, parte de uma história escamoteada que já não poderá mais ficar esquecida pela história oficial<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup>Emanoel Araújo, como curador da exposição “Negras Memórias, Memórias dos Negros- O Imaginário Luso- Afro- Brasileiro e a Herança da Escravidão”, 2003.



A historiografia expõe que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão. Esse fato histórico deixou profundas marcas na sociedade brasileira.

Com o efeito, o racismo no Brasil é consolidado por mais de três séculos de escravidão e por teorias racialistas que fizeram parte da construção da nossa identidade nacional. Após a abolição, a ausência do Estado na integração da população negra por meio do fornecimento de condições materiais e políticas para sua participação em uma sociedade livre garantiu a sobrevivência e ressignificação da mentalidade e prática escravocrata nas estruturas da república. Assim, de acordo com Florestan Fernandes, em seu livro “A integração do negro na sociedade de classe”:

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objetos prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (FERNANDES, 2008, p.43).

Nesse sentido, o racismo permeia toda as esferas da vida social, encontram-se seus tentáculos na cultura, nas instituições, na política, no mercado de trabalho, na formação educacional, etc. É o resultado secular de um país assentado em base escravocrata, influenciando por dogmas racialistas e que não buscou integrar a população negra em seu sistema formal, relegando-os à marginalidade e culpabilizando-os pelas consequências negativas desse abandono proposital. Sobre a conceituação de racismo:

[...] o racismo é uma ilusão de superioridade. O racista se acha superior àquele a quem se compara: ele nasceu pra mandar e o outro, visto como inferior a ele, para obedecer. O racismo, então, é antes de tudo é uma expressão de desprezo por uma pessoa. Às vezes não por causa de suas características, mas por aquela pessoa pertencer a outro grupo (LOPES, 2007, p. 19-20).

O termo “raça”, no século XIX, era baseado nas classificações taxionômicas das ciências biológicas pelas quais os seres vivos eram categorizados. Assim, presumia-se que, nos grupos humanos, características genéticas determinavam características fenotípicas e mesmo sociais.

A aplicação da teoria darwinista às ciências humanas produziu teorias racialistas e evolucionistas sociais que partiam de premissas de que haveria uma superioridade racial de determinados grupos sobre outros e que a história humana

era unilateral e dividida em fases, as quais levariam da barbárie à civilização- as sociedades consideradas superiores julgavam-se no estágio de civilização –esse tipo de pensamento serviu como justificava para empreendimentos neocoloniais e também para a já estabelecida escravidão de povos não brancos, que reverberaria nos séculos seguintes nas mais variadas formas de racismo.

Para Roberto Da Matta (2010), um outro ponto também essencial nas doutrinas racistas é o determinismo. Isso significa que as diferenciações biológicas são vistas como tipos acabados e que cada tipo está determinado em seus comportamentos e mentalidades pelos fatos intrínsecos aos seus comportamentos biológicos. Gobineau<sup>5</sup> elaborou bem esse ponto, valendo apenas reproduzir aqui o seu esquema de “raças humanas”, pois para esse autor há uma perfeita equação entre traços biológicos, psicológicos e posição histórica. Uma espécie de totemismo às avessas. Eis aqui o esquema racial de Gobineau, tirado do seu livro “A diversidade moral e intelectual das raças”:

Tabela 1 - Esquema racial de Gobineau

	Negra	Amarela	Branca
Intelecto	Débil	Medíocre	Vigoroso
Propensões animais	Muitos fortes	Moderadas	Fortes
Manifestações morais	Parcialmente Latentes	Comparativamente desenvolvidas	Altamente Cultivadas

Fonte: GABINEAU, Arthur, 1856:95,96 apud DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

Esse esquema escancara a questão da diversidade sendo hierarquizada e ainda naturaliza a concepção de superioridade das chamadas “raças brancas” como expõe Da Matta (2010, p.80).

Maringoni (2011) relata que uma das primeiras teorias sobre a superioridade da raça branca foi formulada por Joseph-Artur Gobineau em 1855,

<sup>5</sup> Gobineau foi Conde e serviu ao Brasil como embaixador. Diante de uma realidade física de mulatos, e mulatos, diante de uma sociedade altamente em termos de cor, Gobineau não teve outra alternativa senão expressar seu pessimismo diante do futuro do país já que, pelas suas teorias, aqui o branco estava perdendo suas qualidades para o índio e, sobretudo, para a “raça negra”. (Da Matta, 2010, p.81).

que questionava: se as outras raças eram inferiores como poderiam ter os mesmos direitos que a raça branca?

E a ideologia do racismo passou a existir dentro de cada país, mesmo nos da periferia do sistema, como explicação determinista para a dominação de classe, o desnível social e a europeização acrítica de suas camadas dominantes. (MARINGONI, 2011, p.32).

Em outras palavras, olhando de dentro da construção dos arquétipos há a construção de uma sociedade fortemente hierarquizada projetada para subalternizar as chamadas raças não brancas, mas ao mesmo tempo para incutir uma ideia de igualdade racial baseada na mistura, cruzamento entre as raças. Algo completamente “natural”, todavia, com um ponto crítico exponencial: um sistema propositadamente desigual.

Assim sendo, para Renato Ortiz:

No final do século XIX, com a abolição da escravatura e a proclamação da república, a afirmação o Brasil é um país mestiços resultados do cruzamentos de três raças, o branco, o negro e o índio [...] O brasileiro seria a mistura de uma raça superior e duas inferiores. (ORTIZ, 2013, p.164).

Com o decurso do tempo, o mito da democracia racial se tornou um imperativo político para a construção do que ficou conhecido como construção da identidade nacional. A ideia de democracia racial remete a uma sociedade sem discriminação ou sem barreiras legais e culturais para a igualdade entre grupos étnicos, concepções, inclusive, reforçadas em clássicos da nossa literatura e sociologia, como na obra “Casa-Grande e Senzala”, de Gilberto Freyre. Todavia, para Abdias do Nascimento:

Devemos compreender democracia racial como significado a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológicos, econômicos, políticos e cultural da sociedade do país. (NASCIMENTO, 1978, p. 92).

Dessa forma, com o mito da democracia racial surgem a partir de ajustamentos raciais dos “brancos” sob a égide da perpetuação dos padrões de relações sociais pautadas na escravidão e da dominação senhorial nociva ao “homem de cor” as práticas mais abomináveis de discriminação racial. (FERNANDES, 2008).

Com efeito, o Brasil é um país que tem cultivado a concepção de ser uma democracia racial. Porém, como discute Fernandes (2008), tal concepção não tem nenhuma consciência e constitui mentira cruel, hoje questionada pelos pesquisadores. Essa crença que, com certeza, marca as subjetividades das pessoas e favorece o encobrimento do preconceito racial em relação à população negra, alimenta um discurso que propaga a existência de uma relação harmoniosa e igualitária entre brancos e negros, o que não corresponde às situações concretas que a população negra vivencia. Todavia, segundo Carth (2006, p.4): “A história do Brasil contada sem a presença do negro na sua formação e construção da sociedade brasileira é uma história falsa”.

Entendendo a democracia racial como uma grande arquitetura manipulada para atender fins específicos o que se observou foi apenas a mudança das aparências, mas a essências das relações sociais não mudaram. Os negros continuaram a ser excluídos, sendo revelados na história apenas como bastidores do protagonismo branco.

Assim, para Florestan Fernandes, “o mito da democracia racial apenas ocultava a superioridade e as posições sociais de mando dos brancos”. (FERNANDES, 2008, p.52).

No contexto sócio-histórico brasileiro, em que o ideal de ego é ser branco, cabe, portanto, ao afrodescendente, a negação de suas origens africanas e a busca de um ideal inatingível - a brancura. A esse respeito, Costa (1983, p.4), prefaciando o livro “Tornar-se Negro” da autora Neusa Santos Souza, publicado no ano de 1983, escreve:

[...] a brancura detém o olhar do negro antes que ele penetre a falha do branco. A brancura é abstraída, reificada, alçada à condição de realidade autônoma, independência de quem a porta enquanto atributo étnico ou, mais precisamente, racial.

Diante de todo esse arquétipo e estrutura da composição da sociedade brasileira e, retomando as considerações teóricas de Roberto Da Matta (2010) tem-se no caso do “racismo à brasileira” o cenário ideológico constitutivo do racismo, qual seja, o ideário nocivo da existência da preguiça do índio, da melancolia do negro e a estupidez do branco lusitano. Para Da Matta (2010, p.67), “na história do Brasil o seu prisma mais reacionário é a “história de raças e não de homens”.

Toda essa discriminação racial reverbera nas instituições sociais se alastrando pelas gerações e muitas vezes sendo reproduzidas pelos próprios currículos escolares alcançando os indivíduos desde a infância.

Tal processo começa a se desenvolver desde a mais tenra idade. A criança assimila, em seu mundo simbólico, valores, crenças e padrões de comportamento estigmatizados através das relações sociais. Tais relações favorecem, segundo Goffman (1988), a formação de um grupo que ele denomina de desacreditadores, aquele formado por pessoas possuidoras de características explícitas potencialmente desqualificadoras, no nosso caso, com as características fenotípicas negras. Em decorrência, a criança passa a conviver em uma sociedade em que o indivíduo está inserido.

Sousa (2001) aponta o livro didático e o currículo escolar como fontes potenciais que podem alimentar o preconceito racial, e Valente (1995) enfatiza o despreparo do professor em lidar com situações diárias que envolvam os conflitos étnicos vividos no ambiente escolar, ressaltando a possível responsabilidade da escola ao se omitir frente às questões étnicas e raciais, o que a torna favorecedora da transmissão do preconceito.

Partindo de todo esse contexto, examinaremos a seguir as vivências das questões do racismo social na escola Ieda Viana Ribeiro.

### **3 RACISMO SOCIAL NA ESCOLA IEDA VIANA RIBEIRO: vivências negras e desafios de superação da discriminação racial**

A presente abordagem desse tópico tem o objetivo primordial de analisar a prática do racismo na Escola Ieda Viana Ribeiro, situada na Avenida Santos Dumont, no Bairro do Canário na cidade de Turiaçu-MA.

A pesquisa de campo contou com a visitas na referida escola e com a realização de entrevistas com os professores. Importante mencionar que essa escola demarca o objetivo empírico deste trabalho. A título de informação, o atual diretor é o professor Jorge Luiz Ferraz, formado na área de Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Ressalta-se que a escola leva este nome de origem em razão da homenagem a mãe do Sr. Prefeito Joaquim Umbelino Ribeiro. Esta escola foi construída no seu devido mandado e inaugurada em 15 Setembro de 2008. De certa

forma, ela foi escolhida por mim neste trabalho por ser mais acessível e por instigar curiosidades de como essa escola tratava a questão do racismo, no seu cotidiano.

Figura 1 - Imagem da entrada da escola Ieda Viana Ribeiro



Fonte: Acervo pessoal

É importante trazermos mais algumas informações sobre a escola. Ela é pública e municipal. Oferece toda estrutura necessária para o conforto e desenvolvimento educacional dos seus alunos. Contém 11 salas de aula sendo 6 na parte superior e 4 na parte subterrânea da escola. Existem outros compartimentos, como: auditórios, pátio coberto, pátio descoberto, sala de alimentação, sala de diretoria, cozinha, banheiros adequados a alunos com deficiências e mobilidade reduzida, sala e secretaria.

A Escola Ieda Viana Ribeiro possui um corpo docente na média de 27 professores. Em relação aos alunos, são 477 alunos que estudam nesta unidade do 1º ao 9º ano do ensino fundamental.

O estudo analisado neste ambiente escolar, foi de grande relevância, pois a Escola Ieda Viana Ribeiro, me chamou muito atenção, devido ao enfrentamento dos paradigmas que vem acontecendo em nosso meio social. Por isso, pretendi realizar as entrevistas com os professores. Todavia, eu não pude obter relatos dos alunos devido o momento de pandemia pois não está tendo aula presencial para que eu pudesse empreender minha pesquisa qualitativa junto com os demais componentes deste meio social.



Figura 2 - Imagem da parte interna da Escola Ieda Viana Ribeiro.



Fonte: Acervo pessoal

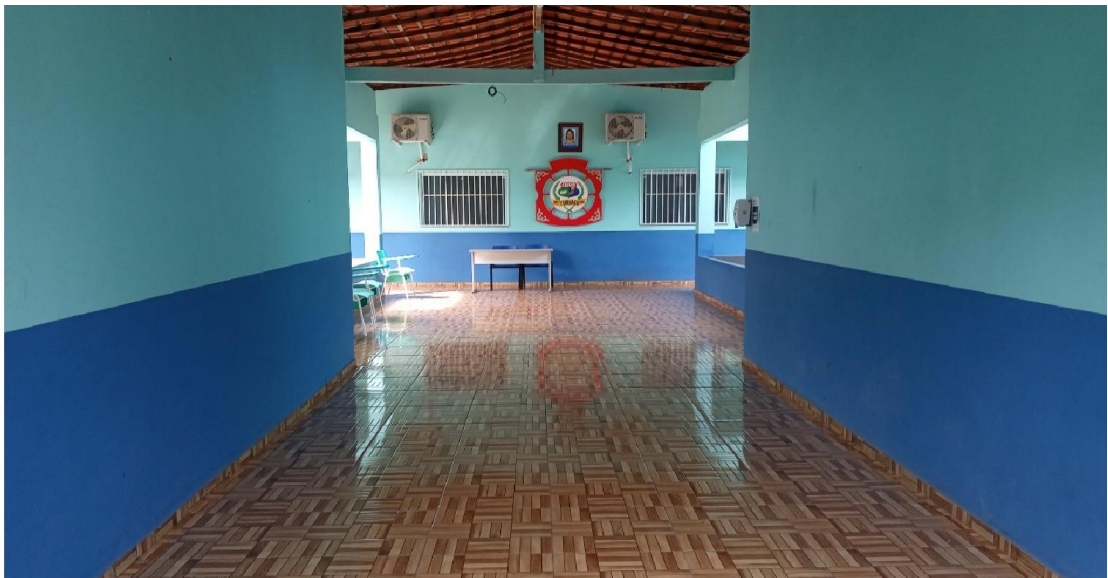
No que diz respeito a amostra que consegui obter em tempos de pandemia, foi a realização de duas entrevistas e muitas outras foram impossíveis em razão do distanciamento social e da ausência de aulas presenciais. Os entrevistados foram os professores Carlos Felipe graduando na área de história pela instituição (UEMA), ele ministra aula no turno vespertino na turma 9º ano A com 23 alunos e no 9º ano B com 21, no 9º C com 19. E, o professor Jose Ribamar da Silva Junior, graduado na área de história, pela instituição (UEMA). Ele ministra aula no turno matutino na turma 6º ano A com 24 alunos, no 6º B com 23, no 7º A com 23 alunos.

Segundo os relatos do professor Carlos Felipe, ele já teve problemas com um aluno porque se referiu a um menino por: “*você é do Jamari*”, (Jamari povoado quilombola), onde a própria criança não aceita que seja de origem negra nem aceita que os avós dele são quilombolas.

Diante deste fato, o afrodescendente tem dificuldade em se reconhecer em suas origens, uma vez que o tempo todo lhe é dito que tem que se adequar ao padrão socialmente aceitável e imposto, frequentemente o padrão europeu. Poucos alunos se orgulham de se reconhecerem enquanto raça negra/preta, pois, ninguém gosta e nem quer ser segregado e discriminado, por que é a isto que tem sido exposto o povo negro ao longo da história.

Isso acontece nos espaços de convívio da escola, com frequência e principalmente no horário do recreio e nos corredores. Como que para se estar ali houvesse um padrão ideal pré-estabelecido, não reconhecendo a diversidade de povos e culturas que fazem parte do contexto de formação de nosso país.

Figura 3 - Imagem do corredor inicial da escola Ieda Viana Ribeiro



Fonte: Acervo pessoal



Figura 4 - Imagem da rampa onde dá acesso a parte subterrânea da escola.



Fonte: Acervo pessoal

As entrevistas com os professores mostraram que o racismo na escola é visto por toda parte: como na fila da merenda, nas salas de aula e nos corredores por exemplo.

Os dois professores disseram ter observado a formação de grupinhos, na verdade, dentro e fora da sala de aula onde discriminações raciais com alunos negros são comuns.

Os entrevistados apontaram que alguns grupos de alunos não admitem que os alunos façam parte das “panelinhas”. Enquanto isso, alunos negros, principalmente os que não foram bem alfabetizados, de certa forma, são os mais discriminados. Isso acontece com esses alunos, segundo os professores, porque as vezes os grupos já estabelecidos não querem fazer um trabalho em equipe com os alunos negros inferiorizados pelos demais colegas.

Segundo relatos do professor Carlos Felipe, o aluno que não sabe ler direito por vezes é negro e, sofre piadinhas dos colegas além de ser excluído das socializações escolares. O mesmo professor destacou que as vezes esses alunos entram na escola com uma vestimenta ridicularizada pelos seus colegas ou mesmo com o uso de uma roupa repetida são alvos de chacotas. Segundo ele: “*Sempre tudo isso influencia a questão do racismo*”.

Como pode-se observar, estas ocorrências podem se demonstrar de forma sutil ou por meio de apelidos que desqualificam o cabelo, a cor, os lábios, em suma, características físicas que individualizam as pessoas, sobretudo, as afrodescendentes.

De acordo com os professores entrevistados, existe sim, por exemplo, influência na linguagem verbal porque, ela influencia na vida dos alunos e, porque existem momentos que devem ser inseridas nas socializações do cotidiano. Assim, explica o Prof. Jose Ribamar:

*Temos que trabalhar em grupos para que todos tenhamos mesmo objetivos da aula [...] temos que ter cuidado com a fala que repassamos, porque isso não vai ficar só na sala de aula, o aluno tem que ter consciência que a educação que ele está tendo dentro da sala de aula ele vai levar pra fora da sala de aula.*

Uma interpretação do termo sustenta que o racismo é visto como preconceito muitas vezes por estar ligado ao poder, já que sem o apoio de poderes políticos ou aquisitivos, o preconceito não seria capaz de evoluir a ponto de se tornar um fenômeno cultural, institucional ou social generalizado.

Segundos os professores, ambos se sentem com dificuldades de inserir a questão do racismo na vida desses alunos, mas eles se esforçam ao máximo. Assim, para o professor Carlos Felipe:

*Não é fácil mais não podemos fazer vista grossa nesta questão. Então, tentamos minimizar essas questões de maneira mais claras e objetivos. Os professores tentam ser facilitadores de todas as formas na vida do aluno”.*

Porém, eles afirmam que não são neutros diante dessas questões raciais. Ambos mencionaram casos preocupantes no ambiente escolar relacionados a discriminação racial: alunos que tomaram chumbinho, alunos que já se cortaram e alunos depressivos. Então, são questões de natureza racial forte e impactantes no cotidiano escolar.

Tais situações de discriminação e preconceito racial, de estereótipos negativos e de estigmatização são, sobretudo, situações de violência, que configuram agressão psicológica, causando baixa autoestima. São prejuízos que muitas vezes não são analisados como consequências das relações desiguais advindas da dificuldade de conviver e dialogar com a diversidade.

Os professores relataram nas entrevistas que têm dificuldades de trabalhar com esses alunos porque tem aluno que não se aceita como negro. Os dois professores deram o exemplo de um desfile na escola que tinha que formar um pelotão de negro, então ninguém quis participar trajado de negro como se isso fosse extremamente repulsivo o que gerou problemas na escola.

Sobre os desafios que os professores encontram no ambiente escolar relacionados a discriminação racial, o professor Carlos Felipe respondeu:

*É necessário que a escola disponibilize projetos para que todos se envolvam de forma circular, e também que a escolar traga os pais pra dentro do ambiente escolar para participar no sentido de ajudar a melhorar e superar esses problemas. Porque a escola falando sozinha e a família, às vezes, falando ao contrário fica difícil porque o trabalho não flui.*

Ainda nesse aspecto que trata sobre os grandes desafios, explanou o Prof. Jose Ribamar: *“Sinto muita falta também de material de apoio que a escola não disponibiliza à eles e nem a nós professores”*.

Os dois docentes enfatizaram ainda que é preciso estimular a cidadania e o respeito as diferenças. Reforçaram que é preciso entender que a sociedade é plural e que a discriminação é um absurdo retrocesso para a escola e para a sociedade. Assim, esclarece o professor Carlos Felipe:

*A escola deve auxiliar no caminho de que eles se tornem cidadãos respeitando as diferenças, não importando se seja branco, ou negro, gordo, ao magro, independentemente de qualquer situações constrangedoras, a esperanças é que a questão racial seja ultrapassada e, que tenha mais espaço para os negros dentro da sociedade.*

Importante mencionar a questão do contexto atual da pandemia. Neste, os professores, em geral, relataram a questão da dificuldade de trabalhar com todos os alunos devido a questão do ensino remoto na escola Ieda Viana Ribeiro. Eles destacam que as aulas tem acontecido somente na modalidade online, e, por essa razão, a escola não teve como fazer uma campanha ou atividade de conscientização racial que englobasse todo mundo, até porque nem todos os alunos estão tendo acesso as aulas online, só torno só de 45% dos alunos que estão participando dessas aulas, ou porque não têm internet, ou porque não têm celular, ou porque moram na zona rural cujas condições de acesso as aulas são precárias.

Nesse aspecto, os entrevistados destacaram que antes da pandemia, nas aulas regulares e presenciais, em torno de uma ou duas vezes no ano a escola colocava sua programação pra debater sobre o dia da raça, o dia da consciência negra, e, de maneira geral, no cotidiano sempre debatiam sobre essas questões raciais. Assim explica o professor Carlos Felipe:

*Esse ano não houve trabalhos coletivos na escola como foi explicado pelo momento da pandemia. Esse ano não podemos trabalhar de maneira geral devido ao período epidêmico, mais os anos passados a escola fazia campanha que englobava essas situações raciais que a escola se envolve pra trabalhar.*

De maneira geral, os professores consideram importante sugerir ações para ampliar e promover o envolvimento das famílias e alunos de forma conjunta nas atividades, discussões e palestras que valorizem a história e cultura afro brasileira de forma a resgatar a autoestima dos alunos afrodescendentes.

Entendemos que os desafios para os professores, são as tensões do cotidiano escolar envolvendo diferentes raças, etnias e religiões. Por outro lado, as famílias também deveriam participar desse processo e ajudar na conscientização sobre todos os problemas do racismo social.

Ressalta-se que a igualdade não pode ser pautada só na lei. A maior lei que pode existir, é a consciência das pessoas para agir de maneira digna com cada indivíduo sem estabelecer práticas de discriminação racial. Na escola, para que os alunos tenham consciência de que a diversidade é positiva todos os agentes do ambiente escolar devem atuar para uma conscientização sobre o tema para que seus reflexos apareçam na sociedade em geral e evitem exclusões e discriminações.

O preconceito racial e a discriminação são fatores que causam evasão e baixo rendimento escolar de crianças afrodescendentes nas escolas públicas. E, isso precisa ser melhor discutido e visibilizado.

Por fim, a temática por nós apresentada, ainda que não seja nova, requer que ousemos nos envolver para que deixe de estar em pauta, justamente por não ser necessária, por vivermos num ambiente onde a diversidade racial seja valorizada.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho refletiu sobre aspectos importantes acerca do racismo social em ambiente escolar. Ações de discriminação racial, como vimos, são recorrentes e habituais nas escolas fato que por si só, compromete qualquer medida inclusiva num espaço social que, de fato, requer a ocorrência de mudanças estruturais, pedagógicas, de currículo dentre outras para que barreiras sejam quebradas na luta diária para uma educação mais digna.

Esse trabalho aponta a real necessidade de preciso abrir caminhos para que a sociedade, como um todo, tenha respeito pela composição social pautada nas diferenças e nas diversidades, para que assim, os processos de inclusão realmente aconteçam de forma justa e igualitária e com equidade.

Com efeito, o racismo vem prejudicando, excluindo e subalternizando os seres humanos e está enraizado desde o sistema escravocrata no Brasil que durou mais de um século. Tais situações como a discriminação racial ou mesmo qualquer tipo de violência velada ou simbólica financeiro deveria ser inaceitável na sociedade e, principalmente por nossos representantes.

Portanto, não se pode perde de vista a questão do racismo social nas escolas, pois é lá o ambiente destinado a ações educativas onde os alunos deveriam aprender a conviver com a diversidade e as diferenças na sala de aula e fora dela.

Por fim, é através da educação que devemos sensibilizar os alunos para superar as barreiras impostas pelo racismo social além de estimular a convivência respeitosa com a diversidade. Não importado que seja branco ou negro, gordo ou magro, independentemente de quaisquer situações constrangedoras e classificações inúteis, a nossa esperança é que a questão racial seja enfrentada e que tenha mais espaço para os negros dentro da sociedade.

#### **REFERENCIAS**

BRASIL. Lei N° 12.288, de 20 de julho de 2010. Dispõe sobre o Estatuto da Igualdade Racial. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm). Acesso: 26/10/2020.

CARTH, John Land. **Plano Municipal De Educação Para a Diversidade e Enfrentamento Ao Racismo**. Secretaria Municipal de Educação do Município de Santo Antônio do Descoberto. GO, 2006. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=dYdQBQAAQBAJ&pg=PA8&dq=plano+municipal&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CBwQ6AEwAGoVChMlr4mNhiSMYAIvHh-QCh2PEwO1#v=onepage&q=plano%20municipal&f=false>. Acesso em: 18 ago. 2020.

COSTA, J. S. F. Prefacio. In N. S. Souza, **Tornar-se negro**. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo. 2008.

FERREIRA, Ricardo; CAMARGO, Amilton. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicol. cienc. prof.** Brasília, v. 31, n. 2, 2011.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.

LOPES, N. **O Racismo explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

MARINGONI, Gilberto. História: o destino dos negros após a abolição, os desafios do desenvolvimento. **Revista IPEA**, v.8, n.70, dez. 2011.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ORTIZ, Renato. **Imagens do Brasil. Revista Sociedade e Estado**. v.28, n.3. set./dez. 2013.

SOUSA, Andréia Lisboa. Personagens negros na literatura infanto-juvenil: rompendo estereótipos. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

VALENTE, A. L. E. F. Proposta metodológica de combate ao racismo nas escolas. **Cadernos de Pesquisa**, n.93, p. 40-50, 1995.